



As promessas do Governo

Esses homens da politica,
Eu sei bem elles quem são,
Só conhecem o eleitor,
Na vespera da eleição,
Depois disso o eleitor
Não tem valor de um tostão.

Eleitor pobre só presta,
Quando elles estão apertados,
Quando elles veem outro duro,
Em frente com o bote armado,
Ahi o leitor pobre
Passa a ser muito estimado.

Vote commigo, diz elle,
Que lhe darei minha usina,
Ganhar isso n'uma hora,
E' melhor que tirar mina,
Dar tanto assim a um amigo,
O senhor não imagina.

Vote que dou-lhe/isso tudo
Depois de 2 semanas,
Entrego-lhe minha usina,
Com terras e gado e as cannas,
Do gado de lá só tiro
As vaccas de minhas manas.

Nesse tempo o candidato
Trata o pobre por amigo,

Lhe offerecendo seus prestimos
Dizendo conte commigo,
Depois que houver eleição,
Tem o pobre esse inimigo.

Quando algum d'elles conhece
A votação arriscada,
Diz ao eleitor pobre,
A você não falta nada,
Vote commigo e depois
Conte com seu camarada.

Querendo emprego eu lhe dou,
Para ganhar um conto mensal,
São 12 contos por anno,
Já vê que é um capital,
Exija tudo de mim,
Até minha alma, afinal.

Você é um homem honrado,
Precisa ganha o pão,
Até aqui não achou,
Quem lhe desse protecção
Eu só lhe posso ajudar
Se ganhar na eleição.

Eu ganhando a eleição
O snr. ganha tambem,
Eu emprego até os bichos
Que sua familia tem,
Gato ganha dez tostões,
E cachorro mil e cem.

Garanto que você ganha
Por mez um conto de réis
Suas frangas ganham por dia,
De nove tostões a dez,
Dizendo dentro de si,
Eu estou olhando teus pés.

Se elle é pobre, diz a elle
Doutou não posso votar,
Falta-me roupa e calçado,
Não posso me apromptar,
Diz elle : compre fiado
Depois eu mando pagar.

Pensa o eleitor commigo :
E' muito grande vantagem,
A pobresa para mim,
Ha dias está de viagem,
Daqui a 5 ou 6 mezes,
Eu tenho uma carruagem.

A mulher diz aos visinhos,
Sabe, Mané vai votar,
O doctor fulano dixe,
Que havia de o empregar;
Já mandou elle na loja
Comprar roupa e se apromptar.

Diz elle com seus botões:
Eu agora estou firmado,
Seis contos de réis por anno,
E' muito bom apurado,

Eu hoje voto nos outros,
Amanhã serei votado.

A esperança do pobre,
Toda quasi é vice-versa,
O peixe cai pela isca
O velho pela conversa,
A gallinha pelo milho,
O pobre pela promessa.

Se aproxima a eleição
Naquelle dia marcado,
Depois que elle bota a chapa,
Fica tudo transformado
Elle vota e o doutor,
Nem lhe diz muito obrigado.

Tanto que elle chega em casa,
Já não tem mais alegria,
Nem tem mais a esperança,
Que tinha naquelle dia,
Foi como agua fervendo,
Quando se bota agua fria.

Em casa a mulher pergunta-lhe:
Você, votou meu marido?
Votei, responde elle triste;
Mas já estou arrependido,
Lepois que votei, o homem,
Ficou logo aborrecido.

Eu quando encontrei elle
Fallou commigo contentô,

Botor me o braço no hombro,
Riu-se satisfeitamente,
Porém depois que eu votei
Ficou logo differente.

Eu fui despedir-me d'elle,
Elle disse estou vexado;
Fez logo uma cura feia,
Que eu fiquei desconfiado,
Ficou como um réo em jury,
Quando sai sentenciado.

Diz a mulher, meu marido
Temos apanhado muito,
Esses homens da politica,
Tem geito de dar um unto!
Faz a gente confiar-se
Em sapatos de defunto.

Mas em fim diz a mulher:
Vamos ver elle o que faz,
O doutor prometter tanto
E não dar é incapaz;
Responde elle, elle tem
Cara para fazer mais.

Afinal espero sempre
Diz sem fé o eleitor
Se elle faltar de hoje em diante,
Vindo aqui seja quem fôr,
Metto-lhe o pão não me importa
Com coronel nem doutor.

Passam-se 5 ou 6 mezes,
E elle na precisão,
Ahi recebe elle a conta,
Da casa do vendelhão,
Da fazenda que comprou
Na vespera da eleição.

Diz-lhe a mulher, meu marido,
Vá fallar com o doutor
Chega lá o tal pergunta-lhe:
De onde é o senhor?
Estou vexado, diga logo
De quem será portador?

Snr. doutor, responde elle:
Não foi vossa senhoria,
Que naquellas eleições
Foi em nossa casa um dia,
Pedindo-me que votasse
Que depois me empregaria?

Responde o doutor: ah! sim!
Eu tenho recordação,
Mas só posso o empregar,
Depois da outra eleição,
Depois de dois ou tres annos.
Eu lhe arrumarei então.

Mas doutor eu bem lhe disse.
Que não podia votar
Estava sem calçado e roupa
E não podia comprar,

O doutor me disse compre,
Depois eu mando pagar.

Porém, meu senhor, a roupa
Foi para o senhor vestir,
Isso é lá por sua conta,
Não tem o que discutir,
E ponha-se logo ao fresco
Não o quero mais ouvir.

Senão já chamo a policia
Mando tocal-o o facão,
Eu não quero em minha sala,
Sujeito de pés no chão,
E' esse o premio do pobre
Depois de umã eleição.

Esses que são delicados,
Dizem para o consolar
Não ha agora uma vaga,
Que eu possa o collocar
Porém fica em meu cuidado,
Havendo eu mando o chamar.

Se tiver muito vexado,
Eu arrumo-lhe outro geito
Vá lá para meu engenho,
Que tem serviço no heito
Eu não quero é que você
Vá daqui mal satisfeito.

Você é muito disposto
Lá amarra muita canna,

A cinco tostões o dia,
São tres mil réis por semana
Em vez de dar-lhe outro emprego
Dar-lhe o pêllo da caianna.

As vezes o miseravel
Não tem um vintem no bolço
Sai de casa ao meio dia,
E inda sai sem almoço.
Esse infeliz n'um engenho
Chega lá não como grosso?

Se for morar no engenho
A de fazer-se grosseiro
Se não disser que o patrão
E' correcto e justiceiro
Como cachorro sem sal
E urubú sem tempeiro.



A India

(Continuação)

E a soltura dos indios
Só pôde ter sido ella
Que poude afrouxar as cordas
E matar a sintinella
Nos indios todos não tem
Quem tenha a coragem della.

Nós quando cerquemos elles,
Ella foi quem veio na frente
Com um páo matou 3 praças,
Com uma pedra um tenente.
Pegou outro nas guellas
Matou-o intantaneamente.

Onde ella marca a pedra,
E' uma morte que faz,
Só ella tendo um prodigio
Ou parte com satanaz
Todos os indios mataram
E ella só, matou mais.

Eu não vi essa india,
Disia o governador:
Disse o sargento parece,
Capricho do Creador,
Não ha jardim na Europa,
Que tenha tão linda flôr.

Porque a bôcca da india
Parece uma rosa abrindo
Os olhos d'ella parecem,
O sol quando vem sahindo,
O corpo parece um anjo,
Nos braços de Deus dormindo

Negros e finos cabellos,
Cobre-lhes os hombros, morenos
O nariz bem afilado
Negros olhos não pequenos,
Se ha reicarnação,
Nella está alma de Venus.

Admira-me em selvagem,
Como tem tanta belleza,
E não haver um defeito,
Que lhe manchasse a pureza.
Aquillo alli só parece,
Um primor da natureza.

A india quando sorrir
Exprime tal attração,
Que faz o proprio inimigo
Abrandar o coração,
Ella quando lança um olhar
Chama até Deus á attenção.

Tambem o que tem de linda,
Tambem tem de carniceira,
E' o que póde chamar-se
Uma cobra cobra verdadeira.

O urso é menos feroz,
A onça é menos ligeira.

Sou sargento a 20 annos
E não dei só um combate
Naquellas guerras de França,
Fui praça de Bonaparte,
Mas em manejo de guerra.
Eu nunca vi tanta arte.

Ella é perita na flexa,
Conhece esgryma e floreio,
Uma rebolada d'ella
Parte um homem pelo meio,
Coragem e destresa assim
Eu não sei de onde veio.

Agora nos occupemos
Na fuga que elles tiveram,
Da forma que acharam a tribu
E o que foi que disseram,
Como calcularam tudo
E a jura que fizeram.

Chegaram os 30 indios,
Que fugiram da prisão,
Acharam tantos feridos,
Que cortaya coração,
O sangue dos que morreram;
Tinha humidecido o chão.

Ahi combinaram todos
Ficar por chefe Jupy,

Foi uma congregação,
Tudo concordou alli,
Alli se fazia tudo,
Combinando com Nocy.

Disse Jupy: pois agora
Precisa se combinar
Dentro de 5 ou 6 dias,
Precisamos nos mudar
Porque o exercito branco,
Com certesa ha de voltar.

Eu juro pelo meu arco,
Se vierem me prender,
Morrerei em pleno campo,
Ninguem me verá correr,
Eu matando 10 ou 12
Pode qualquer me comer.

Disse Nocy e eu juro
Por Tupá a quem adoro
Inda um me traspassando,
Eu não me curvo e nem choro,
Emquanto não me mataram,
Não ha quem conte os que tóro.

Inda bem que da prisão
Touxe uma boa espingarda
Aprendi a carregar,
Estou bem exercitada,
Carrego e atiro bem,
Manejo bem uma espada.

Disse Agacy, outro indio
Com 20 annos de idade,
Eu irei espleitar tudo,
Quanto ouver pela cidade,
E venho avisar a tribu,
Se acaso houver novidade.

Me escondo perto da rua,
Observando o que ha,
Com certeza eu vejo logo,
Tropa que sahir de lá,
Vindo tropa eu corro logo,
E aviso tudo cá.

Então disse um indio velho,
Combinando com Jupy,
Dizendo eu não acho bom,
Esse acordo de Agacy,
Elle vai mattam-no lá,
Quem vem avisar aqui?

Meu acordo é que nos mude.
Vamos nos acautelar,
Numa garganta de serra,
Propria para se brigar,
Canto que seja difficil
Soldado branco chegar.

Nós temos este armamento,
Que trouxemos da cidade,
Exercitemo-nos n'elle,
Teremos actividade

Soldado chegando alli,
Morre em grande quantidade.

A tribu toda aceitou,
O acordo de Ararã,
Necy concordou dizendo:
E' bom partir amanhã,
Vamos fazer arrayal
Na cerra da macunã.

No outro dia, as 3. horas,
De madrugada sahiram,
Jupy e necy na frente
Outros todos, os seguiram,
Com destino a macunã,
Todos dispostos partiram.

Distava 26 leguas.
Da aldeia que elles moravam,
Essa serra, era um lugar
Que de anno em anno, andavam,
Então os chefes da tribu,
Era lá que se enterravam.

Bem no centro da montanha,
Fizeram o arrayal:
Havia uma pedra alta,
De tamanho descommunal,
Quem estivesse em cima della,
Observaria o val.

Foram ahi exercitarem
Em toda forma de guerra,

Disse Jupy nós aqui,
Estanco em cima desta serra,
Não vejo soldado branco,
Que venha tomar-me a terra.

Então Necy disse aos indios,
Se acaso formos cercados
Ponha-se todos em fileira
Avancem muito animados
Se por acaso correrem,
Não vão ficar debandados.

Jupy vai com 30 indios,
Fazer a bocca do vão,
Agacy vai com 14,
Fazer observação.

E envenenar as aguas,
Que beber o batalhão.

Temos 4000 cartuchos,
E cento e dez granadeiras,
Já sabemos atirar,
E somos muito ligeiros
E tem se mais a vantagem,
De conhecer-se os oiteiros.

Porque meu tio Aburé,
Conhece nesta montanha
Lugar que nação alguma
Inda lá conta façanha,
Rola do oiteiro em baixo
E o diabo o apanha.

1023
 Joram é dextro na flecha,
 Buraby na rebolada,
 Satim e os irmãos d'elle,
 Ninguem os ganha na pedrada,
 Arary é como sabe,
 Mata dez, de uma pancada,

*(Continúa nas festas do mercado
 do Recife.)*

